



XII Encontro da Internacional dos Fóruns e

VIII Encontro da Escola de Psicanálise dos Fóruns Campo Lacaniano

Paris, 1 a 5 maio de 2024.

Título: A angústia entre a pressa e a certeza

Vera Pollo: AME da EPFCL, membro da FFCL-Brasil e do FCL-Rio de Janeiro

Sub-tema: A psicanálise e os tempos da angústia

A antecipação de uma certeza (Lacan, 1945)¹ é uma das primeiras observações de Lacan acerca da exigência de uma temporalidade não cronológica para que se possa conceber a extensão temporal da angústia e suas consequências. O ternário que compõe o tempo lógico: olhar, pensamento e ato salienta a função resolutiva da pressa para o sujeito encontrar uma saída da angústia que poderia se tornar paralisante. A angústia é, portanto, um fenômeno que acomete a todos, por isso Freud precisou rever sua primeira teoria, por não ter levado suficientemente em conta a angústia basal que antecede toda e qualquer defesa, justamente porque é seu principal motor. Por isso, Lacan recomendou a leitura de Kierkegaard, que diferencia a angústia da culpa, mas a associa à “infinita possibilidade de *ser-capaz-de* que a proibição desperta”². Menciona a antecipação de consequências nefastas que a fantasia costuma despertar, as quais são, segundo ele, mais assustadoras do que o real.

Angústia não é uma determinação da necessidade, mas tampouco o é da liberdade; ela consiste em uma liberdade enredada [...] é o estado em que se encontra aquele que está à espera [...] ele mesmo o produz [...] estado do qual deseja sair, e se anuncia, porque a nostalgia sozinha ainda não basta para salvá-lo”³.

Aprendemos com Freud que, na direção da análise, há que se manejar a angústia em benefício da sustentação da transferência, operando para restringir sua extensão

¹ Lacan, J. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998, pp.197-213.

² Kierkegaard, S. O conceito de angústia. Petrópolis, RJ: Vozes; 2015, 49. (grifos do autor)

³ Idem, p.64.



temporal. Em seu *Seminário 10*, Lacan (1962-1963) esclarece que a extensão temporal da angústia tem a ver com sua localização entre o gozo e o desejo, permitindo a passagem de um a outro, pois o desejo é regulado pela homeostase subjetivante do prazer. Passagem que se opera mediante “a relação do sujeito com o significante [que] exige a estruturação do desejo na fantasia.”⁴

Embora não se possa restringir aos adolescentes e jovens adultos, são esses sujeitos e, mais frequentemente, as moças, que trazem para a clínica analítica sintomas das lesões auto provocadas, comumente denominados *cutting*. Algumas vezes são sintomas de longa duração, mas os sujeitos alegam inicialmente nada ter a dizer, senão que: “Alivia minha angústia” e/ou “Me dá a sensação de estar viva (o)”. Ora, se esses sintomas aliviam a angústia não me parece que se possa dizer que eles sejam manifestações da angústia como “sintoma-tipo de todo acontecimento do real”⁵. Mas é indubitável que se trata do real e do sintoma. Em 1975, Lacan chegou a dizer que “o sintoma é o que muitas pessoas têm de mais real; para algumas pessoas, se poderia dizer: o simbólico, o imaginário e o sintoma.”⁶

Nesse caso, a pergunta sobre como fazer a angústia falar se desdobra em como fazer falar o gozo do sintoma. Se voltarmos ao *Seminário 10*, percebemos que em seu Quadrante da angústia⁷, como Lacan o chama, a angústia está no mesmo nível do estado de efusão, estado máximo do “fora de si”, pois o sujeito sai de si no sentido de sair do próprio corpo. Estado em que emerge o objeto a quer seja sob a forma da “pura fúria” da neurose obsessiva, quer seja sob a forma do “ataque histérico”, que pode consistir inclusive em um desmaio, uma das possíveis traduções do termo francês *émoi*.

O paciente que me diz ainda na primeira sessão de análise: “Tive que agir daquela forma, ferindo meu próprio braço, para não avançar em cima dela” testemunha com clareza que “agir é arrancar da angústia a própria certeza. Agir é efetuar uma transferência

⁴ Lacan, J. (1962-1963) O Seminário livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 240.

⁵ Lacan, J. (1974). La Troisième. Disponível em http://staferla.free.fr/Lacan/La_Troisieme.pdf (Acesso 5/3/24).

⁶ Lacan, J. (25 de novembro de 1975) Yale University, Law School Auditorium. *Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines*. In Scilicet 6/7. Éditions du Seuil, 1976, pp.38-41.

⁷ Lacan, J. (1962-1963) O Seminário livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 89.



de angústia”.⁸ Trata-se, nesse caso, de um *acting out*, uma transferência “selvagem” que se endereça inicialmente a um Outro sem nome e que não o impede de mergulhar na angústia. No decorrer de sua análise, o sujeito relata a existência prévia do sintoma de paralisia facial periférica do lado esquerdo, e evidencia-se que a mulher é o sintoma sobre o qual discorre incessantemente. A auto lesão foi o tratamento da angústia que lhe foi possível, pois nela, como no desejo, “não é o corpo participante em sua totalidade”, mas a existência nele de “algo de separado”, em virtude do engajamento do corpo na dialética significativa. E a angústia pode então ser dita o medo do medo, ou o medo de que não sejamos nada além de um corpo que se consome.

A topologia permite mostrar que a angústia e o desejo podem ser ditos o avesso e o direito de um mesmo ponto estrutural. Inicialmente assustadora, a demanda do Outro pode advir como desejo do sujeito. Isso se mostra no enlaçamento de dois toros, como consequência do recobrimento simultâneo do furo central de ambos, ou seja, do lugar ocupado pelo objeto *a*, em sua função de causa-de-desejo e de mais-de-gozar. A angústia, causada pela demanda do Outro expectante, cuja consistência era puramente fantasística, vai ser recoberta pelo furo do Outro, sua falta de saber. Ou, como tão bem, afirma Freud a partir de seus sonhos com o pai, seu “fechar de olhos”.

A angústia dos sujeitos que se auto lesionam, se ela puder ser entendida como a “falta da falta”, apontaria uma dificuldade de fazer grupo? Uma ausência de nomeação, no sentido de um lapso do nó, já que nomear é o mesmo que amarrar? Segundo Lacan, “a nomeação é a única coisa de que estejamos certos que faça furo”⁹. Somente no momento em que puderam efetuar uma “asserção subjetiva antecipada”, afirmando cada um individualmente a sua condição humana, realizaram sincronicamente o sujeito do coletivo e do individual.

⁸ *Idem*, p.88.

⁹ Lacan, J. (1974-1975) Seminário 22: R.S.I. Edição não comercial. Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, 2022., p. 269.